

XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16ª Conferência  
Internacional de História de Empresas  
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA

BRASIL E AMÉRICA NO SÉCULO XIX

**Possibilidades de reconstituição em Almanques brasileiros: aproximações do comércio e ofícios urbanos em Campinas (SP) a partir dos Almanques do município (1872-1888)**

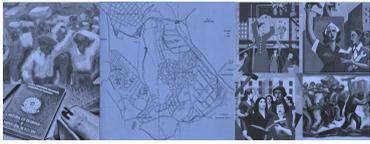
*Possibilities of reconstitution in Brazilian almanacs: approaches to commerce and urban occupations in Campinas (SP) by the information of Almanacs for the city (1872-1888)*

Alicia Condota Kwasne; IE-UNICAMP; a163453@dac.unicamp.br  
Juliana Meira; IE-UNICAMP; j200423@dac.unicamp.br

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo apontar possibilidades de reconstituição de alguns aspectos acerca do comércio e ofícios urbanos em exercício em Campinas, Província de São Paulo, em fins do século XIX, a título de exemplo da pertinência da mobilização de Almanques como fontes para o estudo de História Econômica. Para a captação inicial desse problema, mobiliza-se, particularmente, os dados estatísticos contidos nas edições para 1872, 1873, 1878, 1879, 1886 e 1888 dos Almanques de Campinas. As informações presentes nas fontes podem fornecer novas perspectivas para reconstituições já consagradas, como dos padrões de consumo de uma população, da formação de setores e segmentos produtivos, dos efeitos encadeadores na economia local, ou da composição social interna ao grupo dos protagonistas dessas atividades.

Palavras-chave: Almanques brasileiros. Campinas (SP). Comércio. Ofícios-urbanos.

ABSTRACT: The aim of this paper is to point out possibilities for reconstituting some aspects of commerce and urban occupations in Campinas, Province of São Paulo, at the end of the 19th century, as an example of the pertinence of mobilizing Almanacs as sources for the study of Economic History. For the initial capture of this problem, the statistical data contained in the editions for 1872, 1873, 1878, 1879, 1886 and 1888 of the “*Almanach de Campinas*” were used. The piece of information contained in the sources can provide new perspectives for reconstitutions that are already established, such as the



consumption patterns of a population, the formation of productive sectors and segments, the chaining effects on the local economy, or the internal social composition of the group of protagonists of these activities.

Keywords: Brazilian Almanacs. Campinas (SP). Commerce. Urban occupations

## Introdução

Os Almanques de Campinas, singelos livretos de cem a duzentas páginas, principiaram a ser publicados no município no ano de 1871, resultado dos esforços de organização e edição do jornalista José Maria Lisboa<sup>1</sup>. Objeto de cultura material impressa à época, os Almanques se tornaram bem de consumo de muitos, dado que forneciam informações “necessárias para a vida civil ou religiosa” (BOTREL, 2001, p. 17), isto é, informações de caráter enciclopédico, propagandas impressas, breves crônicas, anedotas, e outros gêneros que pudessem oferecer algum entretenimento ao leitor<sup>2</sup>.

De caráter diverso, o conteúdo dos Almanques publicados em várias localidades de algumas das Províncias do Império do Brasil não deve deixar de ser interpretado como produto do contexto no qual se encontravam, isto é, o florescimento de ideais de “modernidade” em meio ao processo de construção do Brasil como nação<sup>3</sup>, o que, por sua vez, não deixava de se refletir sobre as práticas culturais<sup>4</sup>. Em razão disso, o retrato do cotidiano nas cidades conditos nos Almanques por vezes revelava-se declaradamente ufanista<sup>5</sup>.

Entretanto, contanto que não se perca de vista o caráter de documento histórico dessas publicações<sup>6</sup>, no sentido anteriormente aludido, seu conteúdo, como evidenciado por relevantes trabalhos especialmente publicados entre as décadas de 1990 e 2000<sup>7</sup>,

---

<sup>1</sup> GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **O Almanaque, a locomotiva da cidade moderna**: Campinas, décadas de 1870 e 1880. Campinas, SP: UNICAMP/CMU Publicações, 2016, p. 29.

<sup>2</sup> GALZERANI, *op. cit.*, p. 17.

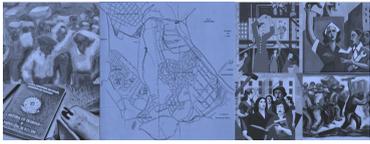
<sup>3</sup> FERNANDES, Florestan. **Revolução burguesa no Brasil**: Ensaio de interpretação sociológica. São Paulo, SP: Globo, 2006 (1975).

<sup>4</sup> GALZERANI, *op. cit.*, p. 16.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Maria Coleta. “Os Almanques de São Paulo como fonte para pesquisa” *In*: MEYRER, Marlyse (org.) **Do Almanak aos Almanques**. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2001, p. 23.

<sup>6</sup> GALZERANI, *op. cit.*, p. 16.

<sup>7</sup> Ver: GALZERANI, *op. cit.*; BIANCONI, 2002.



pode oferecer interessantes perspectivas acerca de aspectos sociais e econômicos de um novo cenário em emergência nos interstícios de uma cidade ainda predominantemente agrícola em fins do século XIX como Campinas. Nas palavras de Maria Coleta Oliveira,

[...] os Almanques permitem formar um quadro acerca da diversidade das atividades urbanas, permitindo uma aproximação bastante concreta das características das cidades do interior do passado. Através dos Almanques somos inteirados do que se compra e se vende no comércio local e o tipo e a quantidade de serviços e equipamentos de natureza coletiva disponíveis nas cidades à época, atendendo às necessidades de educação, saúde, cultura etc. (OLIVEIRA, 2001, p. 23-24)

Diante do exposto, o objetivo do presente trabalho consiste apontar possíveis reconstituições de alguns aspectos acerca do comércio e ofícios urbanos em exercício em Campinas, município da Província de São Paulo, nas três últimas décadas do século XIX, tendo como fonte, particularmente, os dados estatísticos contidos em certas edições dos Almanques de Campinas. Deste modo, pretende-se reafirmar a relevância destas particulares publicações ao estudo da História Econômica da cidade de Campinas, bem como de outras localidades privilegiadas, no passado, pela emergência de alguma produção cultural impressa semelhante.

Dentre as atividades retratadas nos Almanques, foram selecionados o comércio e os ofícios urbanos, em particular, uma vez atividades congruentes à paisagem urbana emergente da cidade, como suscitado pelo conteúdo das fontes a que aqui se faz referência. Se trata de classes produtivas cuja composição interna provavelmente pode ser entendida como uma expressão tardia, adaptada ao contexto da cidade, do que Caio Prado Jr. (2011(1942)) nomeou como “amálgama social”, isto é, sujeitos que não eram grandes proprietários - de terras, capital ou grandes empreendimentos, como os de atividades fabris -, ou escravizados, ou ainda, vale incluir, dotados de possibilidades de qualificação para o exercício de uma profissão liberal. São, portanto, nesse sentido, categorias que expressam a “modernidade” em florescimento.

Para tanto, foram mobilizadas as edições para os anos de 1872, 1873, 1878, 1879, 1886 e 1888, que correspondem aos números publicados nas décadas finais



século XIX e cujo acesso fora proporcionado pelo Centro de Memória – Unicamp (CMU)<sup>8</sup>.

O período delimitado para a realização das observações explicitadas nas seções a seguir se deve, por um lado, à disponibilidade das fontes selecionadas – apenas as edições supramencionadas. Concomitantemente, como sinalizado por José Roberto do Amaral Lapa (1996), ao longo das três últimas décadas do século XIX, Campinas consolidou sua posição na Província de São Paulo como importante centro exportador de café e outros gêneros agrícolas tanto ao mercado interno quanto externo, uma vez que experimentou notável expansão produtiva. Este fato, no entanto, não significou o recrudescimento ou a estagnação de atividades não diretamente relacionadas à agricultura. Pelo contrário, o que se denota é o florescimento destas outras atividades ditas “urbanas”, emergência esta que pode ser interpretada como resultado dos efeitos de transbordamento da renda acumulada na economia cafeeira, bem como dos melhoramentos técnicos e de infraestrutura da região por ela demandados<sup>9</sup>.

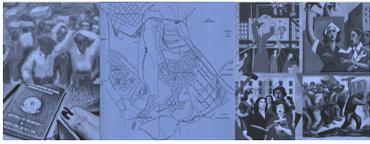
Tendo isso em vista, apontar possíveis reconstituições quanto ao comércio e aos ofícios urbanos exercidos no município de Campinas entre 1872 e 1888, a título de exemplo da pertinência da mobilização dos Almanques como fontes, permite lançar luz sobre as atividades produtivas que emergiam na cidade em paralelo à sua pujança agrícola.

Por conseguinte, as discussões preliminares às quais podem aludir os dados estatísticos contidos nas edições supramencionadas dos Almanques de Campinas, encontram-se sumarizadas nas seções a seguir do presente trabalho. Após a presente introdução, alude-se brevemente às especificidades das edições selecionadas dos Almanques de Campinas quanto ao conteúdo de suas páginas, explicitando sua organização, assim como a quem se deve o mérito de sua publicação. Nas duas seções seguintes, há de se fornecer vislumbres das possíveis reconstituições do comércio e ofícios urbanos, respectivamente, a partir de sintética consideração dos dados

---

<sup>8</sup> Órgão da Universidade Estadual de Campinas responsável pela captação, organização, preservação, disponibilização e difusão de acervos documentais, em particular sobre a cidade-sede da Universidade. Para mais informações sobre o Centro de Memória – Unicamp, ver: <<https://www.cmu.unicamp.br/>>.

<sup>9</sup> SEMEGHINI, U. C. **Do Café à Indústria: Uma Cidade e seu Tempo**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.



estatísticos contidos nos Almanques. Finalmente, o trabalho é encerrado mediante algumas considerações finais.

### **Nas páginas dos Almanques de Campinas**

O conteúdo dos Almanques de Campinas era de particular interesse ao público geral da cidade, embora também possivelmente interessante aos habitantes de outras regiões da Província de São Paulo, ou mesmo do Brasil<sup>10</sup>. Isto porque, como aludido pela folha de rosto da edição para o ano de 1879, suas páginas ofereciam “calendário e diversos artigos de interesse geral, uma minuciosa seção estatística, uma escolhida parte literária e recreativa e uma seção de notabilidades profissionais, comerciais e industriais de Campinas”<sup>11</sup>. Nas palavras do editor do Almanaque para 1878, este gênero de publicação “[...] não só teria utilidade para o leitor, como também se encarregaria de dissipar-lhe o tédio com uma leitura agradável” (SILVA, 1877).

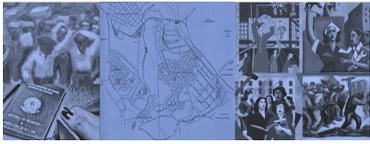
Vale mencionar que certas edições compreendidas entre aquelas de interesse ao presente trabalho, em particular, contaram também com alguns dados estatísticos e parte noticiosa sobre outros municípios da região de Campinas. Quanto a isso, é possível mencionar a dedicação de parte do conteúdo do Almanaque para 1872 ao município de Amparo, o qual, segundo carta do editor José Maria Lisboa aos leitores de sua singela publicação, destacava-se não apenas como importante produtor agrícola, mas também “pelas relações de toda sorte que o ligam a Campinas”<sup>12</sup> à época. Na edição publicada em 1873, conteúdo referente ao município então nomeado São José do Rio Claro – ou apenas Rio Claro, contemporaneamente – foi incluído ao final do Almanaque de Campinas. Por fim, é possível encontrar informações acerca da formação dos municípios de Casa Branca e Itatiba na edição para o ano de 1886, bem como respectivos dados estatísticos sobre comércio, agricultura, atividades fabris, artes e ofícios exercidos nestas cidades, assim como em Mogi Mirim e Rio Claro.

---

<sup>10</sup> LISBOA, José Maria. “Ao Leitor” In: **Almanach de Campinas para 1872**. José Maria Lisboa (org.). Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1871, n.p.

<sup>11</sup> **Almanach popular de Campinas para 1879**. Carlos Ferreira e Hipólito da Silva (orgs.). Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1878.

<sup>12</sup> LISBOA, *op. cit.*



As edições dos Almanques de Campinas para os anos de 1871, 1872 e 1873, foram organizadas pelo jornalista José Maria Lisboa, então gerente da *Gazeta de Campinas*<sup>13</sup>, periódico de circulação bissemanal desde a segunda metade do ano de 1869<sup>14</sup>, e cuja tipografia fora responsável pela publicação das referidas edições dos Almanques. Já os números para os anos de 1878 e 1879, embora ainda publicadas pela Tipografia da Gazeta de Campinas, deveram sua organização e edição ao jornalista José Hypólito da Silva Dutra, ou simplesmente Hypólito da Silva, contando também com participação particular de Carlos Ferreira na edição de 1879. Por sua vez, a edição para o ano de 1886 fora publicada pela tipografia de outro periódico local, o *Correio de Campinas*, em circulação desde 1885<sup>15</sup>. Por fim, as informações acerca da organização, edição e publicação do Almanaque para 1888 são desconhecidas, uma vez que no exemplar consultado, infelizmente, não consta a folha de rosto<sup>16</sup>.

Apesar de organizados e publicados sob responsabilidade de distintos profissionais e estabelecimentos de imprensa da cidade de Campinas, as edições dos Almanques mobilizadas durante este trabalho apresentam, de modo geral, conteúdo em comum. As exceções dizem respeito a ligeiras variações no que tange à disposição interna dos distintos tipos de informação.

Logo após a folha de rosto de cada Almanaque, é possível identificar breve texto de apresentação, assinado pelo respectivo responsável pela organização e edição de cada publicação, dedicado aos leitores. Por meio desses breves parágrafos, é possível antecipar o conteúdo do livreto, em particular identificar se a edição conta também com informações para outras localidades da região de Campinas. Também é possível constatar alguns nomes de ilustres figuras da cidade à época – exceto nas edições para 1878, 1879 e 1888 -, uma vez contemplados em agradecimentos a eles dirigidos pelos editores, comumente por contribuir com algum escrito na seção de entretenimento, ou fornecimento de dados às seções de caráter informativo.

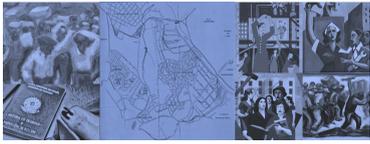
---

<sup>13</sup> GALZERANI, *op. cit.*, p. 29.

<sup>14</sup> MARIANO, Júlio. “História da Imprensa em Campinas” In: **Monografia histórica do município de Campinas**. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952, p. 305.

<sup>15</sup> MARIANO, *op. cit.*, p. 307.

<sup>16</sup> Dados acerca da autoria da organização, edição e publicação de cada número foram extraídos das folhas de rosto dos respectivos Almanques.



A seguir, os leitores dos Almanques podiam consultar um breve calendário do ano corrente, contemplando “as fases da lua para a agricultura ou a pesca”, além de informações “para a vida religiosa”, uma vez especificados os dias dedicados a cada santo do credo católico, bem como datas comemorativas (BOTREL, 2001, p. 17).

Subsequentemente, tinham início outras informações de cunho prático, como horários de chegada e partida dos correios, com respectivas localidades. Encontra-se relações dos horários e preços de passagens de trem em algumas estações à época, situadas em Campinas e outras cidades da região, na capital da Província e no porto de Santos. Foram arrolados endereços e respectivos corpos diretores de órgãos administrativos e de justiça da cidade, assim como de instituições religiosas e de ensino, ou sociedades culturais e recreativas – existentes no município desde fins da década de 1850 e início dos anos 1860<sup>17</sup> -; entre outras informações de proveito prático aos habitantes de Campinas e região.

Vale destacar, nesse quesito, que na edição para 1879 foram incluídas propagandas impressas referentes a estabelecimentos comerciais antes da seção onde constam as informações supramencionadas. De modo similar, no número dedicado a 1888, tais propagandas foram impressas a cada duas páginas de informações, ao passo que nas demais edições, há uma seção dedicada a esse conteúdo após os dados estatísticos das atividades que interessam o presente trabalho, ou ao final do respectivo Almanaque.

Também se faz pertinente mencionar que, na edição para 1886, foram reproduzidas algumas leis e decretos em meio aos dados supramencionados, documentos oficiais esses referentes à “extinção gradual do elemento servil”<sup>18</sup> e ao “imposto do selo”<sup>19</sup>, respectivamente, o que retoma o argumento expresso na introdução do presente trabalho acerca da congruência do conteúdo dos Almanques com o contexto político, cultural e mental no qual eram concebidos<sup>20</sup>.

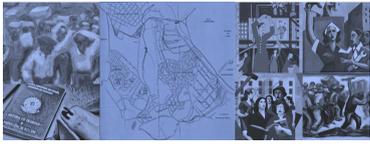
---

<sup>17</sup> DUARTE, Rafael. “Sociedades culturais” In: **Monografia histórica do município de Campinas**. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.

<sup>18</sup> **Almanach do Correio de Campinas para 1886**. Henrique de Barcelos (org.). Campinas: Typographia a vapor do “Correio de Campinas”, 1886, p 15-21

<sup>19</sup> *Idem*, p. 37-43.

<sup>20</sup> GALZERANI, *op. cit.*, p. 16.



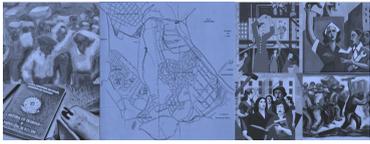
A seguir, constam os dados estatísticos acerca das profissões liberais, comércio, indústria, artes e ofícios, como nomeado nas próprias publicações. Embora seja possível notar algumas alterações quanto ao título de cada segmento – em alguns casos, optando por representar de forma agregada, por exemplo, “Profissões, comércio e indústria” (edição para 1878), ou “Comércio e indústrias” (edição para 1886) -, bem como de algumas atividades ao longo das edições mobilizadas, os dados contidos nesta seção dos Almanques são de grande valia à reconstituição das atividades produtivas não diretamente relacionadas à agricultura.

Invariavelmente, nesta seção, encontram-se especificadas as atividades e ofícios disponíveis à procura na zona urbana emergente, respectivos endereços na cidade, bem como nomes dos proprietários dos estabelecimentos, quando o caso, ou, por vezes, dos sujeitos que exerciam tais atividades. Quanto à pertinência dessas informações, Maria Coleta Oliveira afirmou:

[...] ao arrolar os nomes das pessoas vinculadas às diferentes atividades que desempenhavam, os Almanques oferecem informações preciosas sobre a heterogeneidade social das cidades do interior paulista no período do café, apesar do viés de classe. Por exemplo, a presença de sobrenomes de origem estrangeira entre os proprietários de estabelecimentos, revela a importância que tiveram os imigrantes europeus, especialmente italianos, na constituição do setor manufatureiro e do comércio nas cidades do período. (OLIVEIRA, 2001, p. 24)

É nesse sentido que duas as seções subsequentes do presente trabalho intencionam exemplificar como a mobilização dos dados acerca das atividades comerciais e ofícios, exercidos em Campinas em fins do século XIX, podem apontar possíveis reconstituições para aspectos econômico-sociais a partir das valiosas informações contidas nos Almanques.

Vale reiterar, no entanto, que tais informações arroladas nos Almanques não necessariamente refletem a realidade em toda sua complexidade. Isso porque, como afirmado anteriormente, por vezes, algumas atividades eram contabilizadas de forma agregada, de modo a dificultar algumas percepções sobre as mesmas individualmente. Ou mesmo, em certas edições, algumas categorias comerciais ou de ofícios urbanos foram suprimidas, e novamente incluídas em edições posteriores, o que pode ser fruto tanto da subjetividade do sujeito que organizou os dados – por mero equívoco, ou por



não considerar esta ou aquela atividade relevante à relação – quanto de fato de seu desaparecimento da paisagem econômica urbana do município.

Para captar essas nuances com maior precisão, seria necessário conciliar os dados estatísticos dos Almanques a outros, como aqueles possivelmente captados a partir das propagandas impressas contidas em certas páginas dessas publicações, ou mesmo outras fontes, como conjuntos documentais tais quais da Sociedade Humanitária Operária, Federação Paulista dos Homens de Cor, bem como documentos de certas associações culturais e recreativas, uma vez registradas as atividades produtivas exercidas por seus membros<sup>21</sup>. Embora esse exercício não caiba ao escopo do presente trabalho, pode ser interessante a futuras pesquisas acerca de temas análogos.

Finalmente, os Almanques contavam com conteúdo de caráter noticioso e recreativo, geralmente incluído nas páginas finais das publicações. Trata-se de breves produções literárias, como crônicas, contos e poemas, bem como charadas. A análise dessas produções, sem perder de vista o significado de seu receptáculo, isto é, os Almanques, certamente podem vir a revelar-se pertinentes à reconstituição de aspectos da vida social e material em Campinas ao final do século XIX.

### “Comércio”

O comércio na cidade de Campinas, conforme dados dos endereços dos estabelecimentos arrolados nos Almanques mobilizados, concentrava-se nas ruas que, mais contemporaneamente, podem ser identificadas à região central da cidade<sup>22</sup>. A pertinência do estudo desta atividade para a captação de aspectos econômicos e sociais de uma localidade, mesmo que em um período em que suas atividades ainda se revelem predominantemente agrícolas, como era o caso de Campinas nas últimas décadas do século XIX, pode ser sintetizada na seguinte frase: “Aliado inseparável do progresso de uma terra, índice e fator seguro de sua riqueza, é o seu comércio” (AMÊNDOLA, 1952, p. 513).

---

<sup>21</sup> Documentos dos conjuntos mencionados encontram-se disponíveis para consulta no acervo do Centro de Memória – Unicamp.

<sup>22</sup> AMÊNDOLA, João. “O comércio de Campinas” *In: Monografia histórica do município de Campinas*. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952, p. 514.

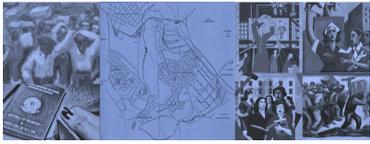


Foi identificada, a partir dos Almanques, sobrepujança dos estabelecimentos do tipo “Armazéns” (16 estabelecimentos distintos) e “Depósitos” (32 estabelecimentos). Já nas edições da década de 1886, é possível notar também o registro de “Lojas” (17 nomeadas), em alguns casos, dedicadas ao comércio de gêneros ainda não registrados – como “sementes, plantas, hortaliças, flores e arbustos”, identificados no Almanque para 1879 -, ou de itens antes disponíveis em armazéns ou depósitos – como é o caso de calçados -, o que aponta para modificações internas ao comércio em função de evoluções culturais, em particular linguísticas, em um cenário de perseguição ao que se entendia por “modernidade”.

Esses estabelecimentos ofertavam itens das mais variadas naturezas: alimentícios, vestuário e acessórios, móveis e objetos de decoração, medicamentos, matérias-primas a outras atividades produtivas – como metais -, entre outros bens. A partir desses dados, é possível realizar algumas observações acerca do padrão de consumo da população de Campinas. Isto é, identificar que tipo de bens possivelmente eram procurados com maior frequência a julgar pelo número de estabelecimentos dedicados à sua comercialização, bem como a mudança, no decorrer do período, dos tipos de bens demandados a partir do aparecimento de armazéns, depósitos e lojas dedicados a itens até então não arrolados, ou, ainda, em razão da inclusão de novas categorias de bens sob títulos de estabelecimentos outrora identificados.

Também se abre possibilidade para especulações acerca dos efeitos encadeadores do crescimento da economia urbana campineira a partir da constatação da evolução do número de estabelecimentos que comercializavam matérias-primas, bem como a natureza desses itens.

Ainda sobre os estabelecimentos comerciais contabilizados nos Almanques, é possível identificar, sobretudo a partir da edição de 1879, a distinção entre armazéns, depósitos e lojas que comercializavam especificamente artigos importados e os demais estabelecimentos. São incluídos na relação estabelecimentos que ofertavam bens provenientes dos Estados Unidos, França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Cuba (especificamente charutos) e Chile (em particular, chapéus femininos) para mencionar alguns. Essas constatações podem remeter, novamente, a possíveis reconstituições do padrão de consumo da população, suscitando, neste caso, uma discussão do padrão por



classe econômica. Ademais, a observação da distinção desses estabelecimentos ao longo do tempo pode aludir ao estabelecimento de relações comerciais entre o Império do Brasil e o exterior, e mais especificamente, entre a cidade de Campinas e outras localidades do globo, o que, por sua vez, alude novamente à discussão da pujança do município no cenário econômico da Província de São Paulo à época.

Finalmente, a consideração dos nomes dos proprietários dos estabelecimentos comerciais, de modo a identificar a permanência de alguns e a inclusão de outros ao longo das edições dos Almanques, pode suscitar conclusões acerca da composição interna, em termos sociais, desta camada de comerciantes. Como afirmado por Maria Coleta Oliveira (2001), a origem dos sobrenomes é um tanto sugestiva nesse sentido.

#### **“Ofícios etc.”**

Assim como no caso das atividades comerciais, nas diferentes edições dos Almanques foram registrados cerca de 60 ofícios relativos ao exercício de atividades distintas, como aquelas que diziam respeito à produção de itens alimentícios, vestimentas e acessórios, outros objetos de consumo pessoal, móveis e objetos de decoração, matérias-primas para outras atividades produtivas. Além disso, também é possível identificar o exercício de atividades as quais seriam classificadas, em tempos contemporâneos e à luz de definições instituídas pela Teoria Econômica, como “serviços”, tais quais barbeiros, cabeleireiros, pintores, e sujeitos ocupados em reparos de determinados bens.

A consideração específica destes últimos ofícios, isto é, qualificados atualmente como “serviços”, permite inferir, assim como no caso do comércio, acerca do padrão de consumo da população. É possível destacar, por exemplo, o aumento, ao longo das edições mobilizadas, de indivíduos identificados como “modistas e costureiras”, o que pode ser indicativo do aumento da demanda por itens de vestuário feitos por encomenda. É este, ainda, o caso dos “açougueiros”, registrados em expressivo maior número a partir da edição para 1878, o que pode indicar aumento do consumo de produtos cárneos na cidade e região.

A observação das mudanças históricas nos quantitativos dos ofícios pode conduzir a interessantes conclusões acerca das relações de produção à época no espaço



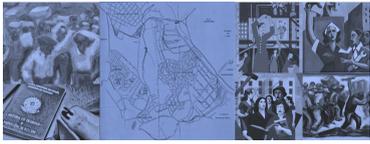
urbano. Além de apontar quais as atividades sobrepujantes em cada momento, o que por sua vez pode remeter a modificações nas forças produtivas, também é possível observar a constituição de associações entre esses “trabalhadores” ao longo do período analisado, uma vez que em certas edições dos Almanques, alguns ofícios passam a ser identificados precedidos por “Oficinas de”. É o caso, por exemplo, na edição para 1879, das “Oficinas de latoeiros e funileiros”, em substituição às categorias individuais de “Funileiros” e “Latoeiros”.

Também é possível, a partir das mesmas observações, mapear a evolução do que viriam a ser os setores e respectivos segmentos produtivos da localidade, na medida em que elementos característicos do capitalismo se fundiam às estruturas econômicas ainda no século XIX. Isso porque o aparecimento, aumento e desaparecimento de determinados ofícios, tais como “fundidores” e “caldeireiros”, está intimamente relacionado às demandas por bens e serviços oriundos de outras atividades econômicas – mais uma vez, permitindo, portanto, a observação de efeitos encadeadores.

Por conseguinte, assim como para os dados do comércio, a consideração dos nomes dos sujeitos que exerciam os ofícios arrolados nos Almanques, permite realizar aproximações da composição interna da classe de oficiais urbanos. Em particular, ao conciliar os nomes identificados nos Almanques com outros dados pessoais de habitantes da cidade de Campinas contidos em outros conjuntos documentais, como Sociedade Humanitária Operária, Federação Paulista dos Homens de Cor, mencionadas anteriormente, é possível captar a participação de pessoas negras, escravizados de ganho ou alforriados, nesses ofícios, por exemplo.

### **Considerações finais**

Os Almanques populares publicados no século XIX, em distintas localidades de algumas das Províncias do Brasil, são valiosas fontes de dados para a reconstituição de aspectos sociais e econômicos, mas também políticos e culturais, do acontecer humano à época. Seu conteúdo diverso, e, por vezes, reflexo das intenções subjetivas de seus organizadores e editores, homens de seu tempo, não deixa de ser pertinente ao estudo da História Econômica, desde que tomado o devido cuidado da historicidade das categorias



apresentadas, bem como considerados como documentos históricos tanto quanto outras fontes comumente mobilizadas.

A observação particular dos dados estatísticos arrolados pelos Almanques de Campinas para 1872, 1873, 1878, 1879, 1886 e 1888 quanto às atividades comerciais e o exercício dos ofícios urbanos, ilustram a pertinência da mobilização desse tipo de produção impressa como fonte. Esses dados podem fornecer novas perspectivas para reconstituições já consagradas, como dos padrões de consumo de uma população – inclusive em perspectiva de classe –, da formação de setores e segmentos produtivos, dos efeitos encadeadores da economia local na medida em que se modifica ao longo do tempo, ou da composição social interna ao grupo dos protagonistas dessas atividades.

Deste modo, se torna possível se aproximar do florescimento de estruturas “modernas” nos interstícios da pujança econômica ainda agrícola, como era o caso da cidade de Campinas ao final do século XIX.

## **FONTES**

ALMANAK de Campinas para 1872. José Maria Lisboa (org.). Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1871.

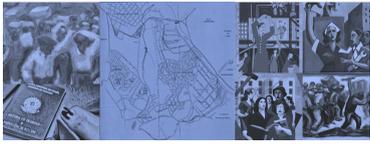
ALMANAK de Campinas para 1873. José Maria Lisboa (org.). Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1872.

ALMANACH de Campinas para o Ano de 1878. Hypólito da Silva (org.). Campinas: Tipografia da Gazeta de Campinas, 1877.

ALMANACH de Campinas para o Ano de 1879. Carlos Ferreira e Hypólito da Silva (org.). Campinas: Tipografia da Gazeta de Campinas, 1878

ALMANACH do Correio de Campinas para 1886. Henrique de Barcellos (org.). Campinas: Tipografia a Vapor do Correio de Campinas, 1886

ALMANACH de Campinas para 1888. José Gonçalves Pinheiro (org.). Campinas: [s.n.], 1888



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÊNDOLA, João. “O comércio de Campinas” *In: Monografia histórica do município de Campinas*. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.

BIANCONI, Renata. **Dinâmica econômica e formas de sociabilidade: aspectos da diversificação das atividades urbanas em Campinas (1870-1905)**. 2002. 134p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1591945>>.

BOTREL, Jean-François. “Catálogo Almanak dos Almanques” *In: MEYRER, Marlyse (org.) Do Almanak aos Almanques*. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2001.

DUARTE, Rafael. “Sociedades culturais” *In: Monografia histórica do município de Campinas*. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.

FERNANDES, Florestan. **Revolução burguesa no Brasil: Ensaio de interpretação sociológica**. São Paulo, SP: Globo, 2006 (1975).

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **O Almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880**. Campinas, SP: UNICAMP/CMU Publicações, 2016.

LAPA, J. R. A. **A Cidade: Os Cantos e os Antros: Campinas 1850-1900**. São Paulo, SP: Edusp, 1996.

MARIANO, Júlio. “História da Imprensa em Campinas” *In: Monografia histórica do município de Campinas*. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.

OLIVEIRA, Maria Coleta. “Os Almanques de São Paulo como fonte para pesquisa” *In: MEYRER, Marlyse (org.) Do Almanak aos Almanques*. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2001.

PRADO Jr., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 (1942)

SEMEGHINI, U. C. **Do Café à Indústria: Uma Cidade e seu Tempo**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.

SILVA, Hypólito da. “Ao Leitor” *In Almanach popular para 1878*. Hipólito da Silva (org.). Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1877.